



3293 - Trabalho Completo - 2ª Reunião Científica Regional Norte da ANPED (2018)
GT 09/GT 14 - Trabalho e Educação e Sociologia da Educação

SABERES SOCIAIS E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA IDENTITÁRIA: O Trabalho em Comunidade Quilombola no Nordeste Paraense de 1970 a 1990
Ellen Rodrigues da Silva - UFPA - Universidade Federal do Pará
Doriedson do Socorro Rodrigues - UFPA - Universidade Federal do Pará

Resumo: O presente ensaio retrata o processo de feitura da dissertação de mestrado em andamento e, versa sobre a inter-relação dos saberes sociais e práticas de resistência identitária em comunidade quilombola do nordeste paraense, tendo o trabalho como categoria nuclear para compreender os processos de resistências às metamorfoses no mundo do trabalho operadas pelo capital no período de 1970 a 1990 nas dimensões das relações sociais enquanto: modo de produção, organização, saberes e identidade, no contexto da Comunidade Quilombola Tambaí-Açú – Mocajuba/PA. Trata-se de pesquisa com abordagem qualitativa pautada no materialismo histórico e análise de conteúdo. A pesquisa está articulada teoricamente no referencial baseado em Marx(1996, 2009, 2013), Saviani (2007); Gramsci (1989); Mészáros (2002); Funes (2012); Rodrigues (2012); Bogo (2010); Thompson (1987,1998); Tiriba (2008,2015); dentre outros. Esse é o percurso do caminho deste estudo com busca pelo aprofundamento de categorias como trabalho, transformações no mundo do trabalho, relações de comunidade quilombola, frações de classe, saberes, identidade, resistência, dentre outras categorias.

Palavras-chave: Trabalho, Capitalismo, Saberes, Resistência Identitária-Quilombola.

SABERES SOCIAIS E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA IDENTITÁRIA: O TRABALHO EM COMUNIDADE QUILOMBOLA NO NORDESTE PARAENSE DE 1970 A 1990

Ellen Rodrigues da Silva Miranda^[1]

ellenrodrigues.slp@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Doriedson S. Rodrigues^[2]

doriedson@ufpa.br

Resumo: O presente ensaio retrata o processo de feitura da dissertação de mestrado em andamento e, versa sobre a inter-relação dos saberes sociais e práticas de resistência identitária em comunidade quilombola do nordeste paraense, tendo o trabalho como categoria nuclear para compreender os processos de resistências às metamorfoses no mundo do trabalho operadas pelo capital no período de 1970 a 1990 nas dimensões das relações sociais enquanto: modo de produção, organização, saberes e identidade, no contexto da Comunidade Quilombola Tambaí-Açú – Mocajuba/PA. Trata-se de pesquisa com abordagem qualitativa pautada no materialismo histórico e análise de conteúdo. A pesquisa está articulada teoricamente no referencial baseado em Marx(1996, 2009, 2013), Saviani (2007); Gramsci (1989); Mészáros (2002); Funes (2012); Rodrigues (2012); Bogo (2010); Thompson (1987,1998); Tiriba (2008,2015); dentre outros. Esse é o percurso do caminho deste estudo com busca pelo aprofundamento de categorias como trabalho, transformações no mundo do trabalho, relações de comunidade quilombola, frações de classe, saberes, identidade, resistência, dentre outras categorias.

Palavras-chave: Trabalho, Capitalismo, Saberes, Resistência Identitária-Quilombola.

Introdução

O presente ensaio retrata o processo de feitura da dissertação de mestrado em andamento, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC) da Universidade Federal do Pará, no interior da linha de pesquisa Educação Básica e Movimentos Sociais.

A temática aborda a inter-relação dos saberes sociais e práticas de resistência identitária em comunidade quilombola do nordeste paraense^[3], tendo o trabalho como categoria nuclear para compreender os processos de resistências às metamorfoses no mundo do trabalho operadas pelo capital no período de 1970 a 1990 nas dimensões das *relações sociais* enquanto: modo de produção, organização, saberes e identidade no contexto da Comunidade Quilombola Tambaí-Açú – Mocajuba/PA^[4].

O interesse pela temática tem relação direta com as experiências pessoal, acadêmica e profissional, que vêm construindo esta pesquisadora. A aproximação desta pesquisadora com esta comunidade se deu primeiramente em 2011 através de atividades acadêmicas no interior do curso de graduação em Pedagogia-UFPA, bem como posteriormente através da pesquisa de sua monografia (especialização) iniciada em 2015, que investigara os impactos das políticas públicas no âmbito da educação escolar na Comunidade Quilombola do Tambaí-Açú – Mocajuba/PA; experiências cruciais para a ampliação do interesse em entender esta comunidade em sua totalidade.

Ao considerar, pois, que frações do povo negro, ou seja, de vários territórios africanos, foram trazidos ao Brasil, para serem escravizados, por necessidades do capital, em favor de sua maximização, ocasionada por sua principal característica que é a mundialização do mercado (MELLO, 2001), e do entendimento que é através do trabalho que se tornam o que são; estes homens e mulheres construíram nesta mediação da luta entre capital e trabalho, um meio próprio de vida que esta pesquisa procurará evidenciar como resistência identitária.

Estes homens e mulheres por necessidade de sobrevivência precisaram criar condições de resistência, saberes que resultaram em sua identidade, construindo os quilombos, que estão sendo analisados a partir de uma fração das 10 (dez) Comunidades Quilombolas do município de Mocajuba-Pará (Itabatinga, Mangabeira, Porto Grande, Santo Antonio de Viseu, São Benedito de Viseu, Uxizal, Vizânia, São José de Icatú, Bracinho do Icatú), que é a Comunidade Quilombola do Tambaí-Açú, Mocajuba-Pará^[5].

As pesquisas tem demonstrado que os estudos sobre resistência negra vêm se consolidando no âmbito dos estudos: culturais, históricos, pós-coloniais, afro-brasileiros, dentre outros. As dissertações e teses levantadas e analisadas revelam predominantemente que a categoria resistência se

evidencia em relações aos negros no que diz respeito a *fuga* do período escravista, a formação dos quilombos ao se rebelarem ao estado de segregação em que foram submetidos; estes estudos se baseiam predominantemente em pesquisas do tipo documental e etnográfica, com coleta de dados através da memória e história oral, assim se debruçam a provar que a resistência negra se dá pela busca e manutenção da liberdade, conforme se evidencia nas palavras de Funes (2012, p.535) que diz que os negros e negras “foram agentes de um processo histórico marcado pela resistência e pela constituição de um espaço social alternativo ao mundo do senhor, onde ser livre foi a experiência maior”.

Assim esta pesquisa busca contribuir no preenchimento das lacunas ainda existentes nos estudos científicos sobre as formas de resistências do povo negro, através das evidências que apontam a resistência das comunidades quilombolas no âmbito dos saberes sociais do trabalho, pois de acordo com Funes (2012, p. 535) a temática da resistência negra no Brasil, especificamente na Amazônia ainda é “muito pouco estudada pelos historiadores” e acrescido por outras linhas teóricas como a do Trabalho e Educação.

O estado da arte que realizamos, demonstrou que das 25 (vinte cinco) teses mapeadas e analisadas (doutorado e mestrado) com objetos que se aproximam do tema trabalho e resistência quilombola, através do banco de teses da CAPES e SCIELO^[6], apenas 04 (quatro) tratam este tema com o método materialista histórico, e 21 (vinte e uma) analisam por outros vieses metodológicos como a etnográfica, documental, cartografia, história de vida e história oral. Ressalta-se que das 4 (teses) levantadas sob o viés materialista histórico, nenhuma foi realizada no Estado do Pará.

O levantamento (tanto documental como das observações e anotações) dá sustentação a relevância científica e sociopolítica deste estudo, pois trata das condições objetivas do mundo material e as assimilações e resistências socioculturais que se engendram na dinâmica desse mesmo mundo material levando-nos a buscar a compreensão das alternativas socioculturais e políticas que vão se constituindo nesse processo.

A pesquisa se sustenta em conceitos qualitativos com viés materialista histórico em que as unidades de registro coletadas através das observações e entrevistas são tratadas com análise de conteúdo. Contribuindo assim ao campo da ciência, da sociedade e aos povos quilombolas, fração de classe configurada como experiência civilizatória singular, reveladora da real possibilidade de construção de outras vivências humanas, solidárias e coletivas.

Em termos estruturais este texto se apresenta em uma única seção; assim procurou-se focar na forma como se vem construindo a pesquisa a partir de seus fundamentos; as subseções que se articulam com o problema, hipótese e questões norteadoras, os objetivos e a metodologia; por fim relacionaremos as considerações com os resultados parciais.

1. Fundamentos da pesquisa

Nesta única seção apresentamos o processo de feitura da dissertação. No sentido de problematizar as evidências dos processos de resistências do povo quilombola diante das necessidades operadas pela sociedade de mercado.

1.1 O Problema

As experiências acumuladas por esta pesquisadora: i) na vivência acadêmica; ii) enquanto docente da educação básica pública e; iii) na militância nos movimentos sociais possibilitaram o ponto de partida para a construção do problema deste estudo. A partir de conversas informais com as pessoas que guardam a memória do povo quilombola^[7], passamos a nos interessar com o rumo da Comunidade Quilombola Tambaí-Açú, Mocajuba/PA, pois percebe-se na fala das “pretas velhas e pretos velhos” (mulheres e homens idosos da comunidade e membros da ACREQTA) os processos de resistência dos saberes resultantes do trabalho a exemplo dos “mutirões/convidados” marcados de um ano pra outro em que “se reuniam as vezes até mais de trinta pessoas para ajudarem a limpar e plantar, era bonito de ver e participar [...]” (Dico, liderança da comunidade, do diário de campo, setembro de 2017).

Este dentre outros saberes do trabalho serviram de base para a identidade quilombola construída historicamente por essa gente e que as evidências apresentam que a partir da década de 1970 com a introdução do monocultivo intensivo da pimenta-do-reino no município de Mocajuba/PA, em que os primeiros pimentais foram plantados na região de entorno ao Território Quilombola do Tambaí-Açú, transformou o modo de produção de toda região, impactando a Comunidade Tambaí-Açú, como registrado nas falas de lideranças da comunidade: “[...] aqui perto chegou a ser plantado na década de 70 mais de 60 mil pés de pimenta, muita gente daqui da comunidade trabalharam nestes pimentais, [...] a comunidade mudou muito, alembro que antes [...], a gente plantava arroz, milho...” (Sr. Dico, das anotações de campo, observações, setembro de 2017).

Assim de forma a compreender a partir dos saberes sociais os processos de construção dos saberes de resistência quilombola, indagamos: *Como mulheres e homens da Comunidade Quilombola do Tambaí-Açú – Mocajuba/PA, construíram processos de resistência identitária que lhes possibilitaram estabelecer mediações frente as metamorfoses do mundo do trabalho operadas pela lógica do capital no período de 1970 a 1990?*

1.2 Da hipótese as questões norteadoras

A hipótese de que o povo negro é expressão de resistência traduz-se na premissa que o povo da Comunidade Quilombola do Tambaí-Açú – Mocajuba/PA, à medida que transformaram a realidade em favor de suas necessidades objetivas, ao longo do tempo criaram saberes identitários de resistência através do ato educativo do trabalho, que precisam ser estudados para se compreender a formação da identidade enquanto fração de classe.

Para tanto, partimos do pressuposto que estes saberes podem estar materializados no modo de produção familiar, baseados na caça, na agricultura, na pesca, na colheita de frutos, nos “mutirões/convidados”, nos valores, no fazer da roça, da farinha, na comercialização, na organização da comunidade, ou seja, no fazer (-se) educativo do trabalho, que no dizer de Tiriba/Fischer (2015, p. 418) é a base “econômico-cultural de primeira ordem”, que ao trabalhar, transforma a natureza e a si mesmo, bem como, na participação e organização social, ao reivindicar seus direitos.

A hipótese dos saberes identitários de resistência construídos historicamente pelos quilombolas nos leva a busca por revelar como ocorreram as transformações no trabalho operadas pelas metamorfoses do capital na Comunidade Quilombola Tambaí-Açú, Mocajuba/PA no período de 1970 a 1990, no âmbito da base produtiva, da forma como se organizam e de que forma resistiram as investidas das ações mercadológicas.

Assim, as questões norteadoras averiguam:

I) Qual a relação entre os saberes identitários quilombola e as metamorfoses no mundo do trabalho operadas pelo capitalismo no período de 1970 a 1990?

II) Como as comunidades quilombolas foram impactadas com a centralidade do trabalho na lógica do mercado no período de 1970 a 1990?

III) De que forma os saberes identitários dos quilombolas resistiram frente a tentativa de homogeneização cultural operada pelo capital no período de 1970 a 1990?

1.3 Objetivos e metodologia

A partir das questões que norteiam esta pesquisa buscamos em termos gerais analisar os processos de construção dos saberes identitários dos sujeitos da Comunidade Quilombola Tambaí-Açú, Mocajuba/PA, com base nas resistências às investidas de homogeneização operadas pelas ações mercadológicas do capital no período de 1970 a 1990.

Em termos específicos:

- Depreender as práticas de trabalho caracterizadas de identidade quilombola;
- Identificar as metamorfoses no mundo do trabalho em face da disputa entre capital e trabalho;
- Compreender a relação dialética entre práticas de trabalho e de resistência à homogeneização cultural imposta pelo capital;

De tal modo, a metodologia desta pesquisa tem como base a abordagem qualitativa (MINAYO, 1994), ancorada no materialismo histórico (MARX; ENGELS, 2009), com análise de conteúdo (BARDIN, 1977) a partir das observações, anotações de campo, levantamento documental (TRIVIÑOS, 1987), e entrevistas não diretivas (MICHELAT, 1985).

Entendendo desta maneira que pesquisar qualitativamente tendo o materialismo histórico como leme nas análises é partir do que nos é aparência para o que é a essência do fenômeno, ou seja, o que nas palavras de Kosik (2002, p.15) se traduz em ir além do “mundo da pseudoconcreticidade”, construindo assim um diálogo dialético entre o empírico e o teórico.

Considerações: Resultados parciais

A pesquisa se apresenta em sua fase de levantamentos de dados; exploração de material; bem como (inicialmente) do tratamento dos resultados, articulados na categoria trabalho, pois este é “antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza.” (MARX, 2013, p. 326), ou seja, é através do trabalho que nos tornamos o que somos, que nos tornamos comunidade, que nos tornamos seres sociais e, portanto, históricos.

Assim entendemos, de acordo com Marx (2013), que o trabalho, como constituinte do ser humano (gênese do homem e mulher), apresenta-se como elemento formativo dos sujeitos, daí derivando o seu caráter educativo, conforme Gramsci (1989); o que implica dizer que o ser humano, ao trabalhar, educa-se e, em comunhão constrói no dizer de Saviani (2011, p. 15) o [mundo da cultura], ultrapassando a concepção fragmentada de ser compreendido essencialmente como manual, braçal, mas como unidade fomentadora de um pensar-fazer (-se) em processo.

Outrossim ao produzirem o [mundo da cultura] por meio do trabalho, e realizarem a partilha dos conhecimentos imersos historicamente nessa produção, o homem e a mulher em sua incompletude se humanizam, em uma relação dialética, já que pensar, raciocinar e socializar são fatores determinantes para se distinguirem dos outros animais, pois enquanto os outros animais precisam adaptar-se à natureza para sobreviver, homens e mulheres adaptam a natureza a si, tornando-se não somente homens, mas humanos através do trabalho.

Neste sentido, ao tratar do problema desta pesquisa partimos do entendimento conforme Rodrigues (2012, p. 37) de que “todo saber resulta das relações dos homens por meio da categoria trabalho”. O levantamento das demais categorias indicam que o ato permanente de transformações do trabalho e da construção da educação fazem com que homens e mulheres criem saberes, dentre estes os de saberes identitários de resistência, que nas palavras de Castells (1999, p.25) ao se referir a “identidade de resistência” afirma que esta é “criada por aqueles que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica de dominação”, isto é, a “lógica de dominação” do capital ao transformar o trabalho em favor de seu *status quo* impacta relações de comunidades tradicionais como as quilombolas.

Ao tratar de “identidade de resistência” se faz necessário ressaltar que conforme Bogo (2010, p. 119, grifos nossos):

A **identidade de resistência**, citada por Castells (1999), como intermediária entre a **identidade legitimadora** e a **de projeto** ou **alternativa**, é importante para se estabelecer o lugar em que se está na contestação do poder dominante. Ocorre que se optarmos apenas pela resistência, teremos a ‘estagnação’ da identidade e, com o tempo, ela perderá as forças e retrocederá, [...] pois importa dizer que [...] Não é simplesmente ignorando a realidade que ela deixará de existir. Dessa forma é que a **identidade**, na atualidade, **deve perseguir um projeto, em negação do projeto dominante** e, sem ignorá-lo, ultrapassar os limites por ele impostos.

Neste sentido, compreendemos que para se chegar a resposta deste problema, precisamos entender que a “identidade de resistência” do povo quilombola pode está nos saberes do trabalho em favor da organização da comunidade, conforme a fala do informante Sr. Raimundo que diz:

A forma de trabalho que nos define pra mim é o mutirão, o mutirão contribuiu bastante pra resistência dessa comunidade [...] Na experiência do mutirão, eles faziam o roçado tudo em mutirão, derribavam, queimavam e depois incuivavam em mutirão, plantavam em mutirão, capinavam em mutirão, e aí essa **experiência de quando adoecia uma pessoa, aqui dentro da comunidade, no outro dia cedo todo mundo tava sabendo, porque chegava o mutirão e já comunicava e aí na época, quando eles adoeciam né, e ficava uma pessoa mal mesmo assim né, eles se reunia todas as famílias e iam lá pra ajudar a fazer a roça desse que adoeceu e ficavam lá plantados até a pessoa ficar boa**, então a experiência do mutirão ajudou muito nessa comunicação, e nesses mutirões havia o banguê né, então eles se divertiam com o banguê eles tocavam o banguê, eles faziam eles mesmo o instrumento deles, chegavam no mutirão de véspera, matava o porco né, eles se divertiam já de noite, bebendo cachaça e dançando o banguê e quando era de manhã cedo todo mundo já estava na roça, plantavam e quando eles vinham da roça antes de servi o almoço já tava rolando o banguê de novo e aí depois do almoço eles iam pra roça de novo, e na volta rolava até de noite a noite toda e assim eles se divertiam com a dança do banguê e samba de cacete e isso que acontecia era o convidado (Informante Sr. Raimundo, 44 anos, entrevista concedida em 15/04/2018)

Percebe-se nesta fala, o significado da prática de trabalho *mutirão/convidado*, e que este os definiu em organização como comunidade, e pra entender o que ressaltou Bogo (2010), precisamos investigar os modos de produção em comunidades tradicionais; de que forma e por que se organizam; qual o papel dos saberes sociais enquanto resistência na construção de saberes identitários, entendendo conforme o mesmo (BOGO, 2010, p. 119) que “não é simplesmente ignorando a realidade que ela deixará de existir”, as evidências demonstram que esse povo encarou os fatos e construiu sua história através do trabalho.

Neste sentido, como o ponto de partida da análise são os processos de resistências as transformações no mundo do trabalho, operadas conforme expressão de Mészáros (2002) pelo “sistema capital”. As evidências apontam de acordo com as tabelas abaixo organizadas a partir das falas dos informantes coletadas nas seis entrevistas (realizadas em abril de 2018), que a resistência desta comunidade às transformações no mundo do trabalho pelo capital no período de 1970 a 1990, pode está nas dimensões do trabalho enquanto *relações sociais* como: *modo de produção, saberes, organização e identidade*.

TABELA 1: Evidências dos processos de resistência identitários na Comunidade Quilombola Tambai-Açú, Mocajuba/Pará, na dimensão – Modo de produção

DIMENSÃO	PROCESSOS	PROCESSOS
MODO DE PRODUÇÃO	UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADE DE REGISTRO
	ANTES DE 1970	DEPOIS DE 1970

	- “[...] no mutirão um ajudava o outro e depois a gente fazia assim o convidado e aí a gente tinha o direito de dá a comida, de dá a merenda lá[...]Era muita brincadeira, quando chegavam na casa pela tarde, era muita brincadeira, e não tinha confusão não, eles vinham, tinha porco, era animado, trabalhavam[...]Ja gente vendia um pouco pra comprar coisas pra gente e o resto era pra colocar nos pimentais[...]porque pra lá eu tenho no final de semana o vinho do rumo do Moju, de Igarapé Miri, pelo rio Cairari e descia na boca do Tambaí até aqui, eu sei que vinham de barco aí comprar[...]” (Dona Biro, 62 anos, entrevista concedida em 11 de abril de 2018)	“[...]Jo mutirão que era direto e a partir que o cultivo da pimenta do reino chega e chega aos grandes produtores começa a tirar o pessoal que tá aqui na roça, trabalhando no cultivo da mandioca, do milho e do arroz e começa a colocar nos pimentais[...]Jir trabalhar pro fulano porque pra lá eu tenho no final de semana o dinheiro vivo e não preciso fazer outra coisa [...]Então isso aí mudou [...]Eu acho que cinquenta por cento do trabalho de mutirão da comunidade e quando eu digo cinquenta por cento é porque a gente ainda tinha uma boa relação de mutirão, mesmo com estes trabalhos.” (Sr. Mundico, 45 anos, entrevista concedida em 11 de abril de 2018)
--	--	--

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em Valente (2015)

Os dados apresentam que as evidências se encaminham para a confirmação da hipótese deste estudo, pois o trabalho os define como ser social, assim como o legado de Marx (2009) que à medida que o homem transforma a natureza em favor de suas necessidades ele transforma a si mesmo no ato contínuo do educar (-se). A partir do trabalho aprenderam e aprendem todos os dias a ser além de homens e mulheres, a serem humanos conscientes, construindo juntos a base *econômico-cultural* (TIRIBA;FISCHER, 2015) da comunidade.

As falas revelam que na década de 1970 o modo de produção da comunidade foi impactado e transformado com a introdução do monocultivo intensivo da pimenta-do-reino no município de Mocajuba-PA; mulheres e homens foram levados a trabalhar nos pimentais que se fixaram no entorno do território da comunidade; trabalhavam no sistema assalariado por meio de diárias pagas por semana.

Neste sentido, observa-se que embora a fala do Sr. Mundico (abril, 2018) revele que o monocultivo da pimenta-do-reino tenha afetado cinquenta por cento da relação do *mutirão/convidado* na Comunidade Quilombola do Tambaí-açu, este saber resistiu, e esta resistência pode estar conforme o dizer de Thompson (1987, p. 10) na “experiência de classe” que esse povo construiu através da prática de trabalho do mutirão, isso os manteve no *costume*, mesmo nas palavras do Sr. Mundico (abril, 2018) “com estes trabalhos”, isto é, mesmo com as travessias de segunda ordem do sistema capital (TIRIBA;FISCHER, 2015).

TABELA 2: Evidências dos processos de resistência identitários na Comunidade Quilombola Tambaí-açu, Mocajuba/Pará, na dimensão – Organização

DIMENSÃO	PROCESSOS	PROCESSOS
ORGANIZAÇÃO	UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADE DE REGISTRO
	ANTES DE 1970	DEPOIS DE 1970
	-“O mutirão não era só pra roça, ele tinha um sentido de amizade e muito[...] e faziam essa amizade e não era só aqui dentro do quilombo, era nos lugares vizinhos como Igarapé grande, com o trabalho do outro e se esqueceram de Igarapé do meio, Cantazal, Angelim, até no Acapuquara eles chegaram a fazer essa relação de mutirão, tinha gente de todo lado ai[...]Observei que através do mutirão a ajuda [...] não foram mais deram exemplo que trabalhar pro pra produção da roça, era também pra construir a amizade[...]” (Sr. Raimundo, 42 anos, entrevista concedida em 15 de abril de 2018) - “[...] Todo esse trabalho era feito no mutirão, os próprios pais, filhos, tios e primos faziam [...] todo mundo trabalhava junto e era nessa faixa aí de três a quatro toneladas produzida, porque se reunia o todo[...]” (Sr. Dico, 57 anos, entrevista concedida em 15 de abril de 2018)	“Quando a pimenta-do-reino chega, ocorreu assim, o pessoal que trabalhava no sistema do mutirão passou a trabalhar pros patrões e largaram mais de trabalhar no mutirão, que se tinha pra trabalhar só pra si e começaram a trabalhar pro outro, e se ocupavam a trabalhar com o trabalho do outro e se esqueceram de fazer o mutirão, e aí com o passar do tempo, o pessoal viram que o serviço do outro era muito puxado e aí uns começaram a parar de trabalhar pro outro e continuaram a roça, e aqueles que não foram mais deram exemplo que trabalhar pro outro não dava muito resultado e aí passaram a parar[...]” (Sr. Raimundo, 42 anos, entrevista concedida em 15 de abril de 2018) A relação do mutirão não era só por causa da produção, a gente se ajudava muito por amizade [...]Então o mutirão não é só pra ajudar a pessoa que tá produzindo, que tá incluído, envolvido lá com a gente, é por tudo né, é por quem tá e quem não tá, então, mas é assim, conversando, explicando [...], então o mutirão ajudou na organização da nossa comunidade”. (Sr. Teneca, 65 anos, entrevista concedida em 22 de abril de 2018)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em Valente (2015)

As falas revelam que os valores construídos a partir do trabalho se dão de forma ampla, pois os *mutirões/convidados* não aconteciam somente por conta da produção, mas por relações de solidariedade; a organização do trabalho constrói a comunidade. No entanto com a *travessia de segunda ordem do capital* (TIRIBA;FISCHER, 2015), operada através da implantação do monocultivo da pimenta-do-reino, a resistência identitária passou a indicar que mesmo com a divisão do tempo entre o trabalho nos pimentais e o trabalho na roça, percebe-se que os povos de comunidades tradicionais, têm vivido majoritariamente na centralidade do trabalho, ou seja, tem vivenciado o trabalho na sua forma onto-histórica conforme constatado por Tiriba;Fischer (2015, p. 420) nas comunidades tradicionais tem resistido “o fruto do trabalho para a manutenção da vida material e simbólica das famílias e das comunidades (sobrevivência) – e não para fins de troca mercantil”.

TABELA 3: Evidências dos processos de resistência identitários na Comunidade Quilombola Tambai-açu, Mocajuba/Pará, na dimensão – Saberes

DIMENSÃO	PROCESSOS	PROCESSOS
SABERES	UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADE DE REGISTRO
	ANTES DE 1970	DEPOIS DE 1970
	“Os convidado era muito animado, a gente fazia as brincadeiras, mas eram as brincadeiras mais animadas, como esse que a gente tem até hoje o banguê e eles faziam o samba de cacete, eles fazia muito animado...” (Dona Biro, 62 anos, entrevista concedida em 11 de abril de 2018) “O convidado é o mesmo mutirão, porque a gente fala convidado porque a gente saia convidando, mas é o mesmo mutirão, era a forma de reunir o povo pra trabalhar [...] e aí que acontecia, surgia o banguê né, e o samba de cacete também, [...] e aí a gente tocava a noite inteira, bebendo cachaça, era comendo, e quando era no outro dia de manhã cinco horas o pessoa já tava de pé pra sair pra roça, pro roçado[...] quando terminava as vezes 10, 11 horas da manhã, aí a gente voltava e aí sujo mesmo o pau quebrava de novo, dançando e muita [...] a mesa era arrumada no chão no meio da casa aquele enorme, as vezes era no tupé[...] No roçado a gente cantava também e lá era dobrado, que a gente falava nesse tempo. [...] Eeeh... isso aí nem fale... era muito lindo... e pra quem tava bêbado aí... nem fale... era dimais lindo...” A nossa cultura, que a gente construiu... (Sr. João, 75 anos, entrevista concedida em 22 de abril de 2018)	“Com a entrada da pimenta-do-reino, houve uma grande mudança, a diferença que nos sentimos de quando nos trabalhava na lavoura, e essas brincadeiras que estou falando e nessa animação toda, e com a entrada da pimenta-do-reino, mudou da seguinte forma, que o pessoa se dedicaram, largaram a lavoura esse trabalho que nos fazia animado, pra ir trabalhar pra pimenta-do-reino, pros japoneses, esse pessoa que tinha dinheiro[...] e aí nós teve essa diferença muito grande e muitos, muitos abandonaram seu trabalho se eles, alguém fazia alguma rocinha, pequeno e não dava nem pra eles sobreviver naquele tempo porque era pequena a roça né e não dava nada, por causa da influência do trabalho do outro. [...] Muitas pessoas foram, mas teve muitos que não foram trabalhar nesses pimentais aí, teve muitos sim, e olha eu digo assim eu com a minha família, eu me agaranto assim com a minha família assim eu não fui nessa influência[...] Os que não foram, não quiseram ir pros pimentais, eles continuou com o mutirão, porque essa minha mulher aqui, eles trabalhavam né, elas se reuniam aí umas oito, nove, dez mulherada, aí nas roças dela, [...] e elas iam naquela animação, rolava o licor de muruci e jenipapo e tinha vez de vim até o banguê, não era toda vez, porque os homens as vezes não tava por aí né, assim era “Elas mulherada se reuniam pra ajudar uma as outras porque alguns de seus maridos estavam no pimental do outro, outros estavam em outros afazeres e aí elas ficavam sozinha, e se viram que no mutirão elas se ajudavam mais e assim fizeram...” (Sr. Teneca, 65 anos, entrevista concedida em 22 de abril de 2018)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em Valente (2015)

Os saberes resultado do trabalho coletivo levou este povo a criar interpretações artísticas da alegria do *mutirão/convidado* e assim construíram com base nos saberes de seus ancestrais seus próprios instrumentos musicais. Nos *mutirões/convidados* eles faziam as brincadeiras que marcaram época e ainda resiste ao tempo, conforme a fala de Dona Biro (abril, 2018) e o Sr. João (abril, 2018).

Entretanto a prática de trabalho *mutirão/convidado* foi impactada com a introdução do monocultivo da pimenta-do-reino, as “brincadeiras” ocorridas durante o *mutirão/convidado* continuaram, porém mudou o tempo dos *mutirões/convidados*, mudou também a dinâmica da ajuda mútua, assim para poder se reunir e não atrapalhar o “trabalho pro outro” tinha no dizer do Sr. Teneca (abril, 2018), “*que fazer antes de iniciar a safra da pimentá*”, pois o trabalho nos pimentais era remunerado, enquanto que no mutirão o trabalho era por amizade.

Sobre a mudança no tempo e na dinâmica da cultura materializada na “animação do mutirão”, Thompson (1998) nos ajuda analisar, pois, a lógica do capital é antagonista aos costumes do povo; o modo de produção capitalista criou no dizer de Thompson (1998, p. 268) “o tempo do relógio” em detrimento do “tempo da natureza”, ou seja, ao tempo dos costumes dos povos tradicionais.

TABELA 4: Evidências dos processos de resistência identitários na Comunidade Quilombola Tambai-açu, Mocajuba/Pará, na dimensão – Identidade

DIMENSÃO	PROCESSOS	PROCESSOS
IDENTIDADE	UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADE DE REGISTRO
	ANTES DE 1970	DEPOIS DE 1970
	“O nosso trabalho que a gente trabalhava era sempre em mutirão nas nossas roças[...] naquele tempo a gente fazia aquele enorme de roçado, três, quatro equitare e a gente não gastava um tostão só contava com a comida e com a ajuda que os vizinhos nos dava, trocando dia era dinheiro porque era o suor que a gente tava gastando, mas a gente não puxava o dinheiro limpo pra pagar e fazer o serviço da gente [...] então foi assim que foi se dando e as famílias foram crescendo né, dentro da nossa comunidade, até que a gente resolveu formar, naquele tempo trabalhava e a nossa religião era romaria...” (Sr. João, 75 anos, entrevista concedida em 22 de abril de 2018)	“Eu queria dizer assim que em todos os aspectos do trabalho que vejo que é a questão do mutirão, parceria, porque não só no cultivo da cultura, ou da agricultura, mas também em termos de parceria nos momentos de doenças ou em outras atividades que a comunidade vem executando, então o mutirão de todas as formas foi quem contribuiu muito pra que a gente pudesse ter uma comunidade formada e hoje reconhecida, identificada como comunidade quilombola, uma comunidade que é de um povo que tem uma história, então eu penso que essa foi a forma que a gente conseguiu construir essa comunidade...” (Sr. Mundico, 45 anos, entrevista concedida em 11 de abril de 2018)

Observa-se conforme os registros que a prática de trabalho do mutirão foi base para a organização da comunidade. Assim ao considerar que todo saber resulta do trabalho (RODRIGUES, 2012), entendemos os saberes sociais como a exemplo do que vem sendo construído nas Comunidades Quilombolas como saberes que resistem, contrariando a lógica do mercado.

Estes saberes constituem conforme Tiriba (2008, p. 70), “estratégias de sobrevivência e/ou de produção de uma nova sociedade, estas experiências são como ‘escolas’ de produção de uma cultura do trabalho”, o que pode de forma herdada ou por afirmação ser transformada em identidade de classe, pois, de acordo com Thompson (1987, p. 10, grifos nossos): “A classe acontece quando os homens [e mulheres], como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem [...]dos seus”. Muda-se o tempo, muda-se muita coisa, mas as práticas de trabalho identitário resistem, pois de acordo com Marx; Engels (2009, p. 25): “Como exteriorizam [aufsern] a sua vida, assim os indivíduos o são. Aquilo que são coincide, portanto, com a sua produção, com o que produzem e também com o como produzem.” Ou seja, a identidade se constrói das necessidades humanas do ser em si ao ser para si.

Assim continuamos a busca por respostas. Entretanto as revelações estão fazendo emergir novas provocações que indicam inclusive que a classe trabalhadora ainda tem muito que aprender com os saberes a exemplo das comunidades tradicionais em favor da unidade, pois, assim como somos frutos do trabalho, somos igualmente coletivos.

Referências:

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes**. 2ª edição. Expressão Popular. São Paulo. 2010.

CALLELLS, Manoel. **O Poder da Identidade**. Tradução Klaus Brandini Gerhardt. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FUNES, Eurípedes A. **Nasci nas matas, nunca tive senhor. História e memória dos mocambos do baixo Amazonas** In: Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. Org. João Reis, Flávio dos Santos Gomes. – 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma. 2012.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a Organização da Cultura** 6ª edição. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1989.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução: Célia Neves e Alderico Toribio. 7ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2002.

MARX, Karl. **O Capital I**. Tradução: Rubens Enderle. Editora Boitempo. São Paulo. 2013.

_____. ENGELS. **Ideologia Alemã**. Expressão Popular. São Paulo. 2009.

MELLO, Alex Fiuza de. **Modo de produção Mundial e Processo Civilizatório: Os horizontes históricos do capitalismo em Marx** Editora Paka-Tatu. Belém. 2001.

MESZÁROS, Stíván. **Para além do Capital: rumo a uma teoria da transição**. Tradução Paulo Cezar Castanheira, Sérgio Lessa. - 1.ed. revista. - São Paulo : Boitempo, 2002.

MICHELAT, Guy. **Sobre a utilização da entrevista não diretiva em sociologia** In: THIOLENT, Michel. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Polis, 1985.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social** In: (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

RODRIGUES, Doriedson do S. **Saberes sociais e luta de classes: um estudo a partir da colônia de pescadores artesanais Z-16 Cametá/ Pará, 2012**. Tese (Doutorado em educação)-Universidade Federal do Pará. Instituto de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Belém. 2012b.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Artigo. Publicação. Revista Brasileira de Educação, v. 12 n. 34 jan./abr. 2007, Universidade de Campinas, Faculdade de Educação, p. 152-165. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/a12v1234.pdf>.

TIRIBA, Lia. **Cultura do trabalho, autogestão e formação de trabalhadores associados na produção: questões de pesquisa** PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 26, n. 1, 69-94, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.perspectiva.ufsc.br>

_____.e FISCHER, Maria Clara Bueno. **Espaços/tempos milenares dos povos e comunidades tradicionais: notas de pesquisa sobre economia, cultura e produção de saberes**. Texto referência da Mesa Redonda Comunidades tradicionais, produção associada e produção de saberes, no SEMIEDU 2014, UFMT, em 26/11/2014. Publicado na R. Educ. Públ. Cuiabá, v. 24, n. 56, p. 405-428, maio/ago. 2015.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução as pesquisas em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em Educação** São Paulo: Atlas S. A. 1987.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade** 4ª. Ed. Paz e Terra. São Paulo. 1987.

_____. **Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional** Trad.: Rosaura Eichenberg. Companhia das Letras. São Paulo. 1998.

VALENTE, Luís de Nazaré Viana. **A formação de Professores de Português em serviço: Repercussões e elementos contraditórios** Dissertação de Mestrado. Orientador: Gilmar Pereira da Silva. Belém – Pará. Agosto / 2015.

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC) do Campus Universitário do Tocantins/Cametá – UFPA. Pedagoga, Especialista em Gestão e Planejamento da Educação (UFPA). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTU/UFPA-Cametá). Membro do Fórum Mocajubense de Educação do Campo (FORMEC). Professora da Educação Básica da Rede Municipal de Educação de Cametá - Pará.

[2] Doutor em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFPA). Docente do Programa de Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB/UFPA). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTU/UFPA). Membro do Grupo de Pesquisa História, Educação e Linguagem na Região Amazônica (GPHELRA/UFPA).

[3] A mesorregião do Nordeste Paraense é uma das seis [mesorregiões](#) do estado [brasileiro](#) do [Pará](#). Em 2016 sua população foi estimada em

1.942.216 habitantes. É formada pela união de 49 [municípios](#) agrupados em cinco [microrregiões](#) a saber: [Bragantina](#), [Cametá](#), [Guamá](#), [Salgado](#), [Tomé-Açu](#). Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mesorregi%C3%A3o_do_Nordeste_Paraense <>.

[4] Embora esteja esta comunidade localizada segundo o IBGE entre os municípios de Baião e Mocajuba – Pará. Os quilombolas desta comunidade se identificam como pertencentes somente ao município de Mocajuba, dado a construção histórica deste território e domínio territorial do município de Mocajuba-Pará. Ressalta-se que embora esta Comunidade esteja a partir do IBGE entre os municípios de Mocajuba e Baião no Pará, os sujeitos desta comunidade tem identidade histórica por Mocajuba, município que os atende enquanto Escola, Saúde e etc.

[5] Registra-se que o Estado do Pará possui atualmente 258 Comunidades Quilombolas (Fonte: Comissão Pró-Índio de São Paulo).

[6] I) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação do Ministério da Educação (MEC), desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) em todos os estados da Federação, bem como na formação de professores da educação básica e sua formação tanto no Brasil como no exterior. Acesse: <<<http://www.capes.gov.br/acessoainformacao>>> II) A Scientific Electronic Library Online - SciELO é uma biblioteca eletrônica que abrange a coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. A SciELO é resultado de um projeto de pesquisa da [FAPESP](#) - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, em parceria com a [BIREME](#) - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Desde 2002, conta com o apoio do [CNPq](#) - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. <<<http://www.scielo.br>>>

[7] Essas observações prévias ocorreram a partir da vivência e participação na ACREQTA- Associação Remanescente de Quilombo Tambai-Açu, Mocajuba/PA.